

AUTORA DE SR. DANIELSE O AR QUE ELE RESPIRA

Vergonha  
discreta



BRITTAINY C. CHERRY

**Obras da autora publicadas pela Editora Record**

*ABC do amor*

*Arte & alma*

*As cartas que escrevemos*

*Sr. Daniels*

*No ritmo do amor*

*Vergonha*

*Série Elementos*

*O ar que ele respira*

*A chama dentro de nós*

*O silêncio das águas*

*A força que nos atrai*

BRITTAINY C. CHERRY

# vergonha

Tradução de  
Natalie Gerhardt  
1ª edição



EDITORA RECORD  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2019

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

Cherry, Brittainy C

C449v

Vergonha [recurso eletrônico] / Brittainy C. Cherry ; tradução Natalie Gerhardt. -  
1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2019.

recurso digital

Tradução de: disgrace

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-10641-4 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Gerhardt, Natalie. II. Título.

18-54475

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

---

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

---

Copyright © 2018 by Brittainy C. Cherry

Publicado mediante acordo com Bookcase Literary Agency

Título em inglês:

DISGRACE

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.  
Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a  
propriedade literária desta tradução.

---

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10641-4

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site [www.record.com.br](http://www.record.com.br) e receba informações  
sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



Para aqueles que já foram abandonados:  
Que vocês se lembrem do som das batidas do seu coração.

“Algum dia em qualquer parte, em qualquer lugar indefectivamente te encontrarás a ti mesmo, e essa, só essa, pode ser a mais feliz ou a mais amarga de tuas horas.”

— *Pablo Neruda*

## Sumário

Prólogo  
Capítulo 1  
Capítulo 2  
Capítulo 3  
Capítulo 4  
Capítulo 5  
Capítulo 6  
Capítulo 7  
Capítulo 8  
Capítulo 9  
Capítulo 10  
Capítulo 11  
Capítulo 12  
Capítulo 13  
Capítulo 14  
Capítulo 15  
Capítulo 16  
Capítulo 17  
Capítulo 18  
Capítulo 19  
Capítulo 20  
Capítulo 21  
Capítulo 22  
Capítulo 23  
Capítulo 24  
Capítulo 25  
Capítulo 26  
Capítulo 27  
Capítulo 28  
Capítulo 29  
Capítulo 30  
Capítulo 31  
Capítulo 32

Capítulo 33  
Capítulo 34  
Capítulo 35  
Capítulo 36  
Capítulo 37  
Capítulo 38  
Capítulo 39  
Capítulo 40  
Capítulo 41  
Capítulo 42  
Capítulo 43  
Capítulo 44  
Capítulo 45  
Capítulo 46  
Capítulo 47  
Capítulo 48  
Capítulo 49  
Capítulo 50  
Capítulo 51  
Capítulo 52  
Capítulo 53  
Capítulo 54  
Capítulo 55  
Agradecimientos

# *Prólogo*

## Jackson

### *Dez anos de idade*

*Que cachorro idiota.*

*Passei anos tentando convencer meus pais a me deixarem ter um cachorro, mas eles achavam que eu não tinha idade suficiente para cuidar de um bichinho de estimação. Prometi que conseguiria cuidar de tudo, mesmo sabendo que não conseguiria.*

*Ninguém tinha me dito que filhotes não paravam quietos nem obedeciam. Papai disse que era a mesma coisa quando eu era pequeno, porque eu meio que nunca parava de falar nem escutava o que me diziam.*

*— Mas o amor vale a pena, Jackson — dizia papai quando eu reclamava que o novo membro da família não estava se comportando. — Sempre vale.*

*A palavra “sempre” meio que soava como mentira, porque aquele cachorro idiota me irritava muito.*

*Já tinha passado da minha hora de dormir, mas eu queria terminar o quadro do pôr do sol que eu estava pintando. Minha mãe me ensinou uma nova técnica usando aquarela, e eu sabia que poderia ficar muito bom naquilo se ficasse acordado até mais tarde treinando. Tucker ficava choramingando enquanto eu tentava acrescentar alguns tons alaranjados à pintura. Ele ficava me puxando pela perna e, depois, derrubou o copo de água, molhando tudo em volta.*

*— Argh! — reclamei, saindo para pegar uma toalha no banheiro e secar aquela lambança.*

*Cachorro idiota.*

*Quando voltei para o quarto, lá estava Tucker, mijando num canto.*

*— Tucker, não!*

*Agarrei sua coleira e o puxei pela porta dos fundos de casa enquanto ele baixava as orelhas.*

*— Vamos lá, Tucker! — resmunguei, tentando fazer o cachorro sair para fazer suas necessidades na chuva. Mas ele não cedia, nem um pouquinho. Mesmo sendo*

um grande labrador preto, ainda era só um bebê de quatro meses. Além disso, estava com medo dos raios e trovões lá fora. — Para fora! — ordenei com raiva, bocejando porque já tinha passado da minha hora de dormir. Além disso, eu queria terminar o pôr do sol antes de amanhecer para mostrar para minha mãe. Ela ficaria muito orgulhosa de mim.

Um dia eu conseguiria pintar tão bem quanto ela — principalmente se esse cachorro me deixasse em paz!

Tucker choramingou e tentou se esconder atrás das minhas pernas.

— Vamos lá, Tuck! Você está sendo um bebezão.

Tentei empurrar o cachorro para o quintal, mas ele não deixou. A chuva caía forte no pátio e, quando ouviu um trovão alto, Tucker passou correndo e seguiu direto para a sala.

— Ugh! — gemi, batendo com a mão no rosto enquanto o seguia.

Quanto mais eu me aproximava da sala, mais nervoso eu ficava enquanto ouvia papai e mamãe discutindo. Eles andavam discutindo muito ultimamente, mas, sempre que eu me aproximava, fingiam que estavam felizes.

Mas eu sabia que não estavam, porque meu pai não sorria tanto quanto antes, e minha mãe sempre tinha que enxugar as lágrimas quando me via. Às vezes, eu a pegava de surpresa, e ela estava chorando tanto que nem conseguia falar. Eu tentava ajudar de alguma forma, mas ela parecia estar tendo dificuldade até para respirar.

Papai me disse que eram ataques de pânico, mas eu ainda não entendia por que minha mãe estava tendo aquilo. Ela não precisava ter pânico por causa de nada; papai sempre tomava conta dela.

Era isso o que eu mais odiava — odiava quando minha mãe estava tão triste que não conseguia nem respirar.

Com o tempo, descobri que tudo que eu precisava fazer era abraçá-la até o pânico passar. Então, a gente só ficava ali, respirando juntos.

Às vezes, demorava um pouco.

Outras, um pouco mais.

Eu me esgueirei sorratamente pela sala e me sentei no chão atrás do sofá para ouvir a briga. Tucker se aproximou e se acomodou no meu colo, ainda tremendo de medo da tempestade. Ou talvez estivesse com medo dos gritos.

Cachorro idiota.

*Eu o abracei porque, mesmo sendo um cachorro idiota, ele era meu. Se Tucker estivesse com medo, eu tinha que tomar conta dele.*

*Senti uma dor na barriga quando ouvi meu pai implorar que minha mãe não fosse embora.*

*Ir embora? Para onde ela estava indo?*

*— Você não pode nos deixar, Hannah — argumentou meu pai com a voz parecendo cansada. — Não pode simplesmente abandonar sua família.*

*Minha mãe suspirou e parecia estar chorando também. Respire, mamãe.*

*— A gente não pode continuar assim, Mike. A gente não pode continuar com esses altos e baixos. Eu só...*

*— Diga — pediu ele com um sussurro. — Apenas diga o que tem a dizer.*

*Ela fungou.*

*— Eu não amo mais você, Mike.*

*Vi meu pai dar uma cambaleada para trás, enquanto apertava o topo do nariz. Eu nunca tinha visto meu pai chorar, mas, naquela noite, ele enxugou lágrimas nos olhos.*

*Como é que minha mãe não o amava mais?*

*Ele era meu melhor amigo. Nós dois éramos.*

*— Sinto muito, Mike. Eu simplesmente não posso mais viver assim... Não posso continuar mentindo para mim mesma e para a minha família.*

*— Tem certeza de que quer usar a palavra família aqui?*

*— Pare com isso. Jackson é tudo para mim e você sabe que eu gosto de você.*

*— É, mas não é suficiente para ficar. — Minha mãe não tinha como responder àquilo, e meu pai começou a andar de um lado para o outro. — Você realmente vai deixar o Jackson para viver com outro homem?*

*Ela balançou a cabeça.*

*— Você está falando de um jeito que parece que estou abandonando o meu filho.*

*— Ué? Não é exatamente isso que você está fazendo? Suas malas estão arrumadas na porta de casa, Hannah. Você está indo embora! — gritou ele com raiva, de um modo que ele nunca fazia. Meu pai era sempre muito equilibrado e nunca perdia a paciência. Ele respirou fundo e baixou a cabeça, entrelaçando os dedos na nuca. — Quer saber de uma coisa? Tudo bem. Faça o que você quiser. Se*

quer ir, vá. Mas eu juro por Deus, é melhor você ficar longe porque estou farto de implorar para você voltar para mim.

Ele saiu da sala e eu senti um aperto no peito. Minha mãe pegou as malas, o que fez com que eu me levantasse com um sobressalto e corresse para ela.

— Não! Mãe! Não vá embora! — Chorei, sentindo que tudo dentro de mim queimava. Eu não podia perdê-la. Eu não podia ficar parado e ver minha mãe deixar a mim e ao meu pai para trás. Nós éramos um time, uma família. Ela não podia nos abandonar. Ela não podia partir.

— Jackson? O que você está fazendo acordado? — perguntou ela, assustada.

Eu me atirei nos braços dela e comecei a chorar de soluçar.

— Não vá. Por favor. Não me deixe. Por favor, mãe. Não vá. Por favor... — Eu me descontrolei, me agarrando às roupas dela enquanto ela me abraçava. Meu corpo inteiro tremia enquanto continuava implorando que ela ficasse, mas mesmo enquanto tentava me tranquilizar, ela se afastava um pouco.

— Jackson, você precisa se acalmar, está bem? Vai ficar tudo bem — prometeu ela, mas aquela promessa era uma mentira, porque como tudo poderia ficar bem quando ela estava indo embora?

— Desculpe porque Tucker fez xixi dentro de casa ontem! E desculpe por eu não ter cumprido as minhas obrigações. Prometo que vou melhorar e cuidar melhor do Tuck. Eu juro, mãe. Por favor, me desculpe.

— Jackson, filho — começou ela com a voz tão gentil e calma, mesmo enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto também. — Você não fez nada de errado. Você é perfeito. — Ela deu um beijo no meu nariz. — Você é o meu mundo. Você sabe disso, não sabe?

— Então, por que você está indo embora? — perguntei com a voz falhando.

Ela suspirou e balançou a cabeça.

— Eu não estou abandonando você, filho. Juro que não. Eu sempre estarei aqui. Daqui a alguns dias nós dois vamos ter uma conversa, e eu vou ajudá-lo a entender. Não posso ficar aqui esta noite. Nós... Seu pai e eu...

— Você não ama mais o papai.

— Eu... Nós... — Ela deu um suspiro. — Você é novo demais para entender. Mas, às vezes, os pais, mesmo que se esforcem muito para isso não acontecer, deixam de se amar.

— Mas ele ainda ama você, então talvez você possa amar o papai de novo.

— Jackson... Você ainda é muito pequeno para entender tudo isso. Mas saiba que eu não vou a lugar nenhum. Não de verdade. A gente só vai encontrar um novo jeito de viver. Pode ser difícil no início, mas vamos encontrar o melhor caminho. Prometo. Está bem? Você verá que tudo ficará bem. Nós seremos mais felizes! E, meu amor, eu preciso que você entenda que você não fez nada de errado. Eu só preciso que você seja forte por um tempo e tome conta do seu pai, está bem? Você consegue fazer isso?

Concordei com a cabeça.

— Eu amo você, Jackson. — Ela deu mais um beijo no meu nariz e me puxou para um abraço apertado. — Sempre e para sempre.

Ela disse aquilo, mas, mesmo assim, me soltou. Pegou a alça das duas malas e saiu na tempestade, deixando todos nós para trás.

Enquanto ela partia, eu me joguei no chão e comecei a chorar. Tucker se aproximou e começou a lamber as lágrimas que escorriam dos meus olhos.

— Sai daqui, Tucker! — gritei, empurrando meu cachorro, mas ele simplesmente voltou, abanando o rabo.

Ele nem se importava com os meus empurrões, porque cada vez que eu o empurrava ele vinha de novo. Deixei que ele se acomodasse no meu colo porque sabia que ele não ia desistir. Ele era tão irritante. Eu o abracei e continuei chorando.

Depois de um tempo, eu me levantei. Tucker me seguiu de perto enquanto eu ia até a cozinha onde meu pai estava parado com as mãos apoiadas na bancada. Diante dele havia uma garrafa com um líquido que eu não podia beber.

— Pai? Você está bem? — perguntei. O corpo dele se contraiu ao ouvir minha voz, mas ele não se virou para olhar para mim. Só agarrou a bancada com mais força.

Ele fungou um pouco antes de tomar o líquido do copo e, depois, se servir de mais.

— Já passou da sua hora de dormir, Jackson — declarou, sério.

— Mas, pai... — Eu estava enjoado. Parecia que ia vomitar a qualquer momento. — A mamãe foi embora...

— Eu sei.

— A gente devia ir atrás dela. A gente tem que trazer a mamãe de volta. A gente tem que...

— Chega! — berrou ele, socando a bancada enquanto se virava para mim. Seus olhos estavam vermelhos e marejados. — Vá para a cama, Jackson.

— Mas, pai! — exclamei.

— Vá para a cama! — ordenou ele, irritado de novo, sua raiva me deixando sem saber o que fazer. Eu nunca tinha visto meu pai com raiva, principalmente com raiva de mim. Ele respirou fundo e olhou para mim. Eu nunca tinha visto aquela expressão em seu olhar. Parecia tão... derrotado. Ele franziu a testa, virou para o copo e suspirou. — Só... vá para a cama, filho.

Segui para o meu quarto e me joguei na cama enquanto Tucker subia ao meu lado e se deitava.

— Vai embora, cachorro idiota — resmunguei, enquanto as lágrimas ainda escorriam pelo meu rosto. Ele se aproximou mais de mim e se aconchegou embaixo do meu braço, enquanto eu ainda sentia o peito doer. — Só vá embora.

Mesmo assim, não importando o que eu dissesse ou fizesse com Tucker, ele ficou.

Bom garoto, Tuck, pensei com os meus botões. Bom garoto.

# Capítulo I

## Grace

### Dias atuais

No vestíbulo vazio e escuro havia cinco malas descasadas, desgastadas e arreventadas. Dentro de cada uma delas havia uma parte de mim. A mala roxa foi a da nossa primeira viagem a Paris, na nossa lua de mel. Nós nos hospedamos em um quartinho de hotel no qual podíamos tocar as duas paredes se abríssemos os braços. Passamos muitas noites inebriadas naquele quartinho imundo, nos apaixonando mais a cada segundo que passava.

A mala florida foi a da nossa viagem para espairer depois que perdi o primeiro bebê. Ele me surpreendeu com uma viagem para as montanhas para me ajudar a respirar. A cidade estava abafada, e meu coração, partido. Mesmo com meu coração ainda estilhaçado, lá o ar era um pouco mais fácil de respirar.

A pequena mala preta foi a que ele arrumou quando consegui o primeiro emprego como professora. Ele também a usou para a viagem que fizemos depois que perdi o segundo bebê. Daquela vez, fomos para a Califórnia.

A verde foi a do casamento da minha prima em Nashville, quando torci o tornozelo e ele me carregou no colo pela pista de dança e nós rimos a noite toda. Por fim, mas não menos importante, a malinha azul-marinho foi a de quando ele foi passar a noite no meu quarto no dormitório da faculdade. Foi a primeira vez que fizemos amor.

Meu coração batia rápido enquanto eu estava ali apoiada na parede da sala, olhando, de longe, para a bagagem. Quinze anos de história em cinco malas. Quinze anos de felicidade e sofrimento roubados de mim.

Ele saiu do quarto com uma bolsa de lona pendurada no ombro. Seu corpo passou rente ao meu, e ele olhou para o relógio.

Nossa, ele era lindo.

Mas isso não era novidade. Finn sempre foi lindo. Ele era muito mais bonito que eu, e isso não tinha nada a ver com questões de baixa autoestima. Eu me achava bonita, com todas as curvas no lugar certo e alguns quilinhos extras concentrados no quadril. Só que Finn era mais bonito. Em todo casal

há um que é mais bonito e, no nosso caso, esse lugar era ocupado por Finn.

Ele tinha olhos azuis cristalinos que brilhavam quando ele sorria. Eu amava quando ele usava camisa verde porque seus olhos ganhavam uma tonalidade de jade. Finn sempre mantinha o cabelo louro escuro aparado bem curto, e o sorriso dele...

Foi aquele sorriso que me conquistou e fez com que eu me apaixonasse.

— Quer ajuda? — perguntei. — Com a bagagem?

— Não — respondeu ele de maneira sucinta, sem olhar para mim nem uma vez. — Eu cuido disso. — Seu corpo estava tenso e hostil. Eu odiava sua frieza, mas sabia que eu tinha feito com que ele ficasse assim. Eu o mantive distante por tanto tempo e, então, ele desistiu.

Finn estava com uma camisa polo amarela que eu odiava. Havia um rasgo embaixo do braço e uma mancha que não saía por nada nesse mundo, não importava quanto eu tentasse removê-la.

Pisquei uma vez tentando guardar aquela camisa horrenda na minha memória.

Eu sentiria saudade dela, ainda que a odiasse tanto.

Suspirei enquanto ele arrastava as malas. Quando colocou a última no carro, entrou de novo em casa e vasculhou o vestibulo com os olhos como se estivesse se esquecendo de alguma coisa.

*De mim.*

Ele passou as mãos pela cabeça e resmungou:

— Acho que isso é tudo. Temos que ir ao banco assinar os papéis. Depois, preciso pôr o pé na estrada e voltar para Chester, como parece que é o que você vai fazer também.

— Pode deixar — respondi.

— Tudo bem, então — retrucou ele.

Chester, Georgia, era o nosso lar. Era a cidadezinha em que fomos criados, nos apaixonamos e prometemos nos amar para sempre. Finn já vinha ficando por lá pelos últimos oito meses desde que assumiu um cargo de residente no hospital. Tinham se passado oito meses desde que ele pedira a separação. Oito meses desde que ele saiu da minha vida, e eu não tinha tido notícias dele até nossa casa de Atlanta ser vendida.

Ele saiu da minha vida e não olhou para trás até ser obrigado a fazê-lo.

Mesmo assim, eu ainda o amava, mesmo que ele não sentisse mais o mesmo.

Ninguém da família sabia que nós tínhamos nos separado — nem mesmo minha melhor amiga, Autumn, nem minha irmã, Judy. Eu contava tudo para elas, menos as partes que me faziam chorar à noite. Não tive coragem de contar para ninguém que eu já não tinha mais marido havia meses. Se contasse isso para elas, então eu seria um fracasso, e tudo que eu queria era que, de algum modo, Finley voltasse a me amar.

Eu costumava me perguntar quando ele havia parado de me amar.

Será que foi em um dia específico ou será que foi uma série de momentos que o levou a isso?

Será que o amor desapareceu por causa do sofrimento ou do tédio?

Talvez um pouco por causa de uma desconexão?

Será que pode haver uma desconexão que um dia volta a se conectar?

— Uma última olhada? — perguntei a Finn enquanto estávamos parados no vestíbulo vazio. Ele tinha voltado à cidade para assinar os documentos da venda da casa, mas não falou muito comigo.

Senti um frio na barriga quando ele chegou. Eu tinha imaginado que ele chegaria com flores, vinho e talvez dissesse que queria que eu voltasse a ser a mulher dele... Mas, nessa realidade, ele apareceu de mau humor, sem trazer nada e já totalmente pronto para seguir adiante.

— Não, acho que já pegamos tudo. Vamos logo para o banco, assinar os papéis e acabar logo com isso. Ainda tenho uma viagem de cinco horas de volta a Chester. Além disso, tenho que trabalhar amanhã — murmurou ele, passando as mãos pelo cabelo.

Eu não fazia ideia do porquê de tanta irritação.

A gente não se via havia meses; mesmo assim, no instante em que me viu, ele ficou infeliz de novo.

Mal olhava para mim.

O que eu não daria para ele me enxergar outra vez.

— Vou dar uma última olhada — retruquei, tentando não demonstrar a minha mágoa, mesmo que o sofrimento tivesse me tomado por inteiro.

— A gente já olhou duas vezes.

— Uma vez mais pelas lembranças. — Sorri, dando uma cutucada leve em seu braço. Ele não retribuiu o sorriso, apenas olhou para o relógio.

— Não temos tempo para isso. Encontro você no banco — decidiu, começando a andar. Ele não olhou para trás nem uma vez, como se me deixar fosse a coisa mais fácil do mundo.

Acho que depois da primeira vez, as coisas ficam mais fáceis.

Fiquei parada ali, ainda um pouco magoada, mas de repente ele parou, pigarreou e se virou.

Finn olhou para mim e agora eu desejava que ele não tivesse feito isso. Seus olhos carregavam toda a mágoa que eu sentia no meu peito.

— Olha só, eu não queria que as coisas acabassem assim.

Suspirei.

*Eu simplesmente não quero que as coisas acabem.*

Não respondi. Não importava o que eu dissesse, as coisas ainda estariam acabadas.

Ele tinha feito uma escolha, e eu não tinha sido escolhida.

— Eu... É só que... Depois de tudo... — Ele pigarreou de novo, ganhando tempo para procurar as palavras que não conseguia encontrar. — Você se trancou dentro de si mesma, Grace. Você tornou impossível que eu ao menos me aproximasse de você, e... Meu Deus! A gente ficou sem transar por mais de um ano.

— Nós transamos no seu aniversário.

— É... Só porque fiz 32 anos. Que tipo de vida é essa? E você ficou de meia.

— Eu sinto frio nos pés.

— Grace. — A voz dele soou inflexível e irritada. Eu queria saber quando tinha começado a irritá-lo. Será que era algo mais recente ou que já durava anos?

— Perdão.

— Não faça isso — falou ele, passando as mãos pelo cabelo de novo. — Não peça perdão. Eu sei que você passou por coisas muito difíceis, mas, porra, eu estava lá para você, e você não me deixava ajudar.

— Perdão — repeti.

Ele deu um passo na minha direção, e rezei para ele dar outro.

— Grace... Diga alguma coisa, *qualquer outra coisa*, menos um pedido de perdão. Está vendo, é isso que me deixa puto da vida. Você tem um comportamento tão passivo-agressivo em relação a tudo. Você não fala; só mantém todos os seus sentimentos na sua cabeça.

— Isso não é verdade — argumentei.

Pelo menos, não costumava ser.

Houve um tempo em que tudo que eu fazia era expressar meus sentimentos para Finn. Então, teve um momento em que passou a ser demais para ele. Finn não falou nada, mas a expressão em seu rosto me mostrou tudo. Sempre que eu chorava, ele revirava os olhos. Sempre que eu expressava meu sofrimento, ele me dizia que estava ficando tarde e que conversaríamos pela manhã.

Mas as conversas matinais nunca aconteciam, e, então, minha voz emudeceu. Talvez o amor seja isso: algo que vai desbotando com o tempo até se tornar algo extremamente imóvel.

— É verdade — afirmou ele, cheio de confiança.

Tudo que Finn fazia tinha uma camada de confiança, e aquele tinha sido um dos motivos de eu ter me apaixonado por ele. Finn andava como se fosse o dono do lugar, e essa era uma característica muito poderosa. Ele era dois anos mais velho que eu e, quando nos conhecemos no baile anual de verão oferecido pelos meus pais, todos os olhares estavam voltados para Finley James Braun. Ele era o melhor que Chester tinha a oferecer. Se você ficasse com Finn, podia se sentir abençoada.

Ele era inteligente, bonito e confiante.

Todas as garotas eram obcecadas por ele — todas elas. Se não fosse minha mãe me empurrar para os braços dele quando eu tinha 15 anos, eu nunca teria tido coragem de falar com um garoto como Finn.

Naquela época, eu não achava que era suficiente para ele.

Eu ainda não achava.

Finn apertou o topo do nariz, claramente irritado comigo.

— Você não se abre. Você só fica agindo desse jeito passivo-agressivo.

— Enquanto você fica me traindo — devolvi, as palavras saindo da minha boca como se estivessem esperando o momento perfeito para serem

disparadas.

Ah, aquilo o atingiu e vê-lo daquele jeito só serviu para me fazer sofrer mais.

— Perdão — pedi novamente.

Eu não era uma pessoa cruel. Nem um pouco. Não tinha um pingão de crueldade. Sério. Meus pais criaram minha irmã e eu para sermos gentis, atenciosas e compassivas. Se alguém fosse me descrever, jamais pensaria na palavra “cruel”, mas quando seu coração está partido, às vezes algumas coisas mudam.

O corpo dele se contraiu de um modo que não era natural. Ele deu um passo vacilante para trás, e seus olhos ficaram frios. Finn odiava ser lembrado da própria traição, e isso era tudo que eu vinha fazendo nos últimos meses. Às vezes, quando ficava ansiosa demais, deixava mensagens no celular dele e perguntava por que ele tinha escolhido outra mulher. Eu perguntava se ela era melhor que eu. E se os beijos dela eram como os meus.

Isso o incomodava muito e talvez tivesse sido a gota que faltava para ele decidir me deixar: minha incapacidade de deixá-lo esquecer a outra mulher.

Meu marido não era um traidor, a não ser quando se tratava dela.

*Dela.*

Eu a odiava ainda mais, embora nem soubesse quem ela era.

Eu a odiava de um jeito que não sabia ser capaz de fazer em relação a uma estranha.

Como ela se atrevia a roubar algo que era meu? Como se atrevia a engolir meu marido por inteiro enquanto eu ainda estava tentando absorvê-lo? Como ela se atrevia a partir meu coração sem se importar com os cacos que cortavam minha alma?

— É isso o que você realmente quer dizer? Você realmente quer que isso seja a última coisa que vai me dizer? — perguntou ele, ainda vacilante por causa das minhas palavras.

Meu Deus, eu odiava o rosto dele porque ainda o amava tanto. Tantas emoções corriam pelas minhas veias — tanta confusão, tantas lutas internas, tanto sofrimento.

Eu me sentia solitária mesmo antes de ele partir.

Minha mente formava pensamentos que não faziam o menor sentido.

*Fique.*

*Vá.*

*Não me deixe.*

*Vá embora.*

*Volte a me amar.*

*Faça com que eu volte a viver.*

*Deixe-me morrer.*

*Fique.*

*Vá...*

— Perdão — pedi com voz suave. Eu sabia que ele não queria ouvir aquelas palavras, mas eram a únicas que vinham à minha mente.

— Sério?

— Perdão se eu não consegui... eu...

— Grace. — Ele deu um passo na minha direção, mas ergui uma das mãos, fazendo-o parar. Se ele chegasse mais perto, eu me atiraria em seus braços e tenho certeza de que ele me deixaria cair. Finn respirou fundo e sussurrou. — Eu cometi um erro. Ela não significava nada para mim.

*Ela.*

— Diga o nome dela — exigi, sabendo que era maldade, mas sem me importar.

Eu estava farta daquilo. Farta de Finn evitar o assunto da sua infidelidade. Eu odiava como ele fingia que eu era culpada por ele ter botado a boca nos lábios de outra mulher, em seus seios, no quadril... pescoço, barriga, coxa...

*Pare.*

Eu odiava meus pensamentos. Nunca pensei que meu cérebro fosse capaz de imaginar tão claramente a boca do meu marido no corpo de outra mulher, mas, caramba, a mente era uma arma de destruição em massa.

— O quê? — perguntou ele, dando uma de burro.

Finn era uma porção de coisas, mas burro não era uma delas. Ele sabia exatamente o que eu estava pedindo.

— Depois de todo esse tempo, você nunca me disse o nome dela, porque se você disser, isso vai tornar tudo mais real. Vai tornar tudo isso final.

Ele abriu a boca por um segundo enquanto tentava se decidir, considerando quão real ele precisava que tudo aquilo fosse, quão real ele precisava que aquilo se tornasse. Então, respondeu:

— Eu não posso fazer isso.

Foi um sussurro... Suas palavras, sua culpa, seu nojo.

— Se você chegou a me amar um dia, vai me contar.

— Eu... — Ele fez uma careta. — Eu não posso fazer isso, Grace. Além disso, já está tudo acabado.

— Não é nada de mais. Eu não ligo mais para isso. Sério. Só espero que ela seja feia — brinquei, mas ele não percebeu o que estava acontecendo dentro do meu peito, o fogo que me queimava por dentro.

Meu coração...

Como era possível que os cacos do meu coração continuassem se estilhaçando dentro de mim?

Funguei.

Ele suspirou.

— A gente precisa ir.

— Vou dar uma última olhada nos quartos — insisti.

Ele abriu a boca para reclamar, mas não discutiu. Estava cansado de discussões, assim como eu. Chegava um ponto em que as palavras simplesmente se tornavam exaustivas demais porque nenhum dos lados estava escutando de verdade.

— Então, a gente se encontra no banco, está bem?

Ouvi a porta da frente se fechar e, então, comecei a andar bem devagar pela casa, permitindo que meus dedos deslizassem suavemente sobre cada superfície, cada janela, cada parede. Quando cheguei ao último espaço vazio, entrei e fiquei olhando para as quatro paredes vazias, as paredes para as quais eu tinha feito tantos planos, as paredes nas quais achei que meu futuro estava.

— *Aqui vou colocar a cômoda e o trocador, e o berço vai ficar ali! A gente pode comprar aquele que vira uma caminha depois. Quero pintar o nome do bebê com letras grandes, com alguma citação e...* — Eu estava sem fôlego de tanta animação, e Finn se aproximou de mim, me abraçou e me puxou para ele.

*Ele estava com um sorriso no rosto enquanto balançava a cabeça.*

— Você não acha melhor esperarmos até você engravidar para começarmos a montar o quarto do bebê?

— Acho — concordei, mordendo o lábio inferior. — Mas depois de dez exames positivos de farmácia nos últimos dois dias, acho que já estamos lá.

Os olhos de Finn se iluminaram mais rápido do que eu jamais tinha visto.

Eu amava aqueles olhos dele tão intensamente azuis. Aquelos olhos que ainda provocavam um frio na minha barriga.

— Você está...?

Concordei com a cabeça.

— Você quer dizer que nós vamos...?

Concordei de novo.

— Então vamos ter que...

Concordei.

Os olhos dele ficaram marejados, e ele me pegou no colo e me balançou no ar enquanto cobria meu rosto de beijos. Quando me colocou de novo no chão, olhou para mim de um jeito que, mesmo sem dizer nada, dava para sentir o seu amor.

— Nós vamos ter um bebê — sussurrou, me beijando.

— Vamos. — Rocei meus lábios no dele e, quando ele se afastou, respirei fundo.  
— Nós vamos ter um bebê.

O quarto escureceu quando apaguei a luz e, enquanto me afastava, as lembranças me acompanhavam.

Acreditei que aquelas lembranças seriam as que sempre me fariam feliz, aquelas lindas lembranças que se tornaram meu sofrimento.

Depois de apagar todas as luzes, peguei a última mala — a preta de florzinha — e saí de casa. Foi a que compramos para trazer todos os souvenirs que adquirimos na nossa lua de mel.

Levei a mala embora do lugar que acreditei que sempre seria a minha casa, o meu lar, e lamentei pelas ideias de um futuro que não era mais meu.

## Capítulo 2

### Grace

Levamos apenas alguns minutos para assinar todos os documentos no banco e devolver nossas chaves para o atendente. Fiquei sentada bem em frente a Finn, mas senti que ele estava a quilômetros de distância. Quando nos levantamos para ir embora, ele foi até o próprio carro e eu segui para o meu.

— Finley — chamei, sem ter muita certeza de por que tinha dito o nome dele.

Ele ergueu o olhar e arqueou uma das sobrancelhas, esperando que eu dissesse alguma coisa. Abri a boca, mas as palavras que eu queria dizer ficavam girando na minha mente. *Vamos almoçar juntos um dia desses ou assistir a um filme de vez em quando... até você voltar a me amar.*

— Nada. Deixa pra lá.

Ele soltou um suspiro pesado.

— O que foi, Grace?

— Nada mesmo. — Esfreguei os braços com as mãos.

— E lá vamos nós de novo — resmungou ele, e senti um aperto no peito.

— O que você quer dizer com isso?

— Que você está fazendo o que sempre faz.

— E o que eu sempre faço?

— Você começa a expressar seus sentimentos e, então, se retrai de novo, dizendo para eu deixar pra lá. Você sabe quanto isso impossibilita qualquer tipo de comunicação?

— Sinto muito — sussurrei.

— É claro que você sente — respondeu ele. — Olha só, eu tenho que ir. Quando chegarmos a Chester, podemos contar para nossos pais que estamos nos separando. Acho que devemos fazer isso individualmente. Nós temos que enfrentar esse tipo de coisa sozinhos agora, para começarmos a nos acostumar, tudo bem?

*Fique firme. Não chore.*

— Tudo bem.

Eu estava indo passar o verão em Chester, considerando que meu apartamento em Atlanta não ficaria pronto para eu me mudar até agosto. Por um lado, voltar para Chester me aterrorizava porque as pessoas não levariam muito tempo para perceber que Finn e eu não estávamos mais juntos. Por outro lado, no fundo eu estava empolgada por estar na mesma cidade que Finn. Nas mesmas calçadas onde nos apaixonamos. Talvez, com aquela conexão, ele voltasse a me olhar do jeito que costumava olhar. Eu tinha o verão para fazer meu marido voltar a se apaixonar por mim.

Entrei no carro e, quando virei a chave, o motor não pegou. *Ah, não.* Virei a chave de novo, e o barulho de arranhadura se repetiu. Finn ergueu uma das sobancelhas na minha direção, mas tentei ignorá-lo. Meu carro era antigo, um Buick cor-de-rosa que eu tinha desde o dia que saí de casa para a faculdade. A única coisa que eu tinha na vida por mais tempo que aquele carro era Finn, e agora que ele estava indo embora, Rosie era tudo que me restava.

Naquele fim de tarde, o motor se recusou a ligar.

— Você quer que eu dê uma olhada? — perguntou Finn, mas não olhei para ele. Não conseguia depois de ele ter se irritado comigo e feito com que eu me sentisse horrível por ser eu mesma.

— Não. Está tudo bem — respondi.

— Essa coisa vai conseguir chegar a Chester? Você devia ter alugado um carro e se livrado dessa velharia.

— Está tudo bem — repeti, virando a chave e ouvindo o mesmo barulho de novo.

— Gracelyn — começou ele, e eu estava à beira do pânico.

— Vá embora, Finn. Você já deixou bem claro que não quer estar aqui, tá legal? Então, vá logo. — *A não ser que prefira ficar...*

Ele franziu a testa e se empertigou um pouco.

— Tudo bem, então. Acho melhor eu ir.

— Isso. Vá logo. — *A não ser que prefira ficar...*

Eu era patética.

O canto dos lábios dele caiu.

— Tchau.

Ele me deixou lá, junto com toda a nossa história, fechando a porta do capítulo que eu ainda estava tentando reescrever.

Senti um aperto no peito e o chamei de novo.

— Finley — gritei, fazendo com que ele se virasse para mim.

— O quê?

Meus dedos apertaram o volante. Aquelas palavras de briga na minha mente querendo sair. Elas queriam que meus lábios fossem seu campo de batalha, mas eu não podia fazer aquilo. Não podia implorar para meu marido ficar comigo, não depois de tudo pelo que passamos.

— Como chegamos a esse ponto? Onde foi que erramos?

— Não sei. — Ele fez uma careta. — Talvez algumas coisas não tenham sido feitas para durar para sempre.

Mas e se nós fôssemos feitos para ficar juntos para sempre? E se, em vez de tentar levar o bote para a praia, estivéssemos deixando ele ir embora?

Lágrimas escorreram pelo meu rosto, e odiei que ele as tivesse visto, mas, ao mesmo tempo, eu precisava que ele testemunhasse minha dor, testemunhasse quanto ele tinha me magoado. Eu precisava que ele visse meu sofrimento, e precisava me lembrar de que ele não era mais o homem que me consolaria.

Finn esfregou a nuca.

— Grace?

— O quê?

— Eu amo você.

Eu assenti lentamente.

— Eu sei.

Eu acreditava nele. Judy me acharia uma idiota por acreditar no amor do meu marido, mas eu sabia algumas coisas sobre o amor que minha irmã mais nova nunca havia aprendido. O amor era uma emoção desordenada que não caminhava em linha reta. Ele funcionava em ondas e giros e subidas e descidas. Era uma emoção louca que, de algum modo, ainda existia no meio de tanto desgosto e traição.

Finn me amava e eu o amava também de uma maneira distorcida e dolorosa. Gostaria que existisse um jeito de aquilo parar — de fechar a

torneira do amor e fazer meu coração parar de sentir.

Mesmo assim, ele sentia.

Mesmo assim, ele queimava.

No porta-malas escuro do caro dele, havia cinco malas descasadas, todas elas gastas e rasgadas, e cada uma levava uma parte de mim.

Fiquei olhando enquanto partiam.

Permaneci sentada no estacionamento desejando e rezando que meu carro ligasse. Meus pais tinham me ensinado que aquilo era tudo de que você precisava na vida. Você só precisa ter fé como um grão de mostarda, não importa o que seja, e as coisas darão certo.

Continuei tentando ligar o carro e, então, fiz uma pausa.

*Querido Deus, sou eu, Gracelyn Mae...*

Quando Rosie finalmente cedeu depois de mais cinco tentativas, fechei os olhos e respirei fundo, antes de partir.

— Obrigada — disse baixinho.

Era bom saber que, mesmo que eu me sentisse sozinha, havia algo maior que eu em que poderia acreditar.



— Espero que essa seja a escolha certa — resmunguei com meus botões enquanto começava a viagem para Chester. De volta à nossa cidade, onde todos acreditavam que Finn e eu ainda estávamos apaixonados, vivendo o nosso felizes para sempre.

Ele não tinha contado para ninguém. Eu também não. Talvez porque soubéssemos muito bem o tipo de pessoas que viviam no lugar onde crescemos. Talvez não tenhamos contado para ninguém por não estarmos prontos para os julgamentos, as opiniões e as ideias.

*Os conselhos.*

Chester é uma cidade pequena na Georgia a umas cinco horas de Atlanta, daquelas em que todos se conhecem pelo nome e sabem quando e como cada um deu o primeiro beijo — pelo menos a versão de conto de fadas, não a verdade dos fatos.

Em um lugar como Chester, todo mundo vive de acordo com semiverdades — quando cada um só conta o lado da história que faz com que fique bem na fita.

Todos achavam que eu estaria voltando para Chester porque sabiam do emprego de Finn no hospital, mas não sabiam que, quando eu chegasse, não dormiria mais ao lado dele.

Eu não havia feito planos de onde ficaria; uma parte tola de mim tinha acreditado que, de algum modo, Finn voltaria para mim e nos apaixonaríamos de novo. Mesmo que as coisas não tenham saído assim, eu não estava muito preocupada com o lugar onde ficaria naquela noite. Minha família estaria lá para mim, sempre e para sempre.

Em Chester, o ponto central de toda a cidade era a igreja de Sião, que ficava bem no meio e era o coração do lugar. Meu pai, Samuel Harris, estava à frente de tudo, exatamente como vovô James antes dele, e o bisavô Joseph antes dele.

Meu pai nunca disse isso, mas eu tinha certeza de que ele havia ficado decepcionado por não ter tido um filho homem para assumir a igreja no dia em que se aposentasse.

Ele havia me pedido para fazer isso, mas eu recusara respeitosamente. Finn entrara para a faculdade de medicina no Tennessee e, como boa esposa que era, eu o seguia para onde quer que ele fosse. Eu o segui sem parar durante seus estudos, e achei que Atlanta seria o destino final. Quando ele me disse que tinha se candidatado a uma vaga em Chester, fiquei surpresa.

Ele costumava dizer que não queria voltar para uma vida de cidade pequena, sempre falou que era sufocante para ele.

Meu pai respeitou minha decisão de não querer assumir a igreja e declarou que estava muito orgulhoso de mim, e mamãe respeitou o fato de eu permanecer ao lado do meu marido. Não era de se estranhar que sua música favorita fosse “Stand by Your Man”, de Tammy Wynette.

A igreja era parte integrante da história da minha família, e toda a cidade de Chester se reunia nela mais de uma vez por semana para os sermões, os círculos de oração, os estudos da Bíblia e praticamente qualquer feira ou quermesse que acontecesse. Ir à igreja nas manhãs de domingo era tão comum quanto ir ao futebol às sextas-feiras e tomar uísque aos sábados.

De certo modo, minha família era a realeza de uma cidade pequena dos Estados Unidos.

Se você conhecia a igreja, conhecia minha família e, se conhecia nossa família, conhecia nossa riqueza.

Papai dizia que o dinheiro não importava, que seu principal propósito era

servir a Deus e prestar um serviço à comunidade, mas os sapatos elegantes de sola vermelha da minha mãe e suas joias cintilantes contavam outra história.

Ela sentia uma enorme satisfação em fazer parte da realeza de uma cidade pequena. Era a rainha Loretta Harris, a mulher do pastor, e, cara, ela levava aquele papel muito a sério.

Quanto mais eu me aproximava de Chester, mais nervosa ficava. Já fazia anos desde que eu fizera as malas e me mudara com Finn, e a ideia de voltar para a cidade sem ele me deixava aterrorizada. Eu odiava como minhas inseguranças andavam em evidência ultimamente, odiava me importar com o julgamento que a cidade faria de mim.

O que as pessoas pensariam?

O que diriam?

Pior de tudo: qual seria a reação da minha mãe?

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Vergonha"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).